

Espírito Santo sai na dianteira

Ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda diz que Estado será destaque neste ano

O Espírito Santo está numa situação privilegiada para fechar 2008 com crescimento econômico, diante do cenário previsto para a economia mundial. A afirmação foi feita pelo economista José Roberto Mendonça de Barros, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, no primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso.

Ele foi palestrante do Seminário de Planejamento Estratégico do governo do Estado, na última quarta-feira, em Vitória, e depois falou com exclusividade para **A Tribuna**.

Segundo Mendonça de Barros, a grande oportunidade está no fato de o mercado internacional continuar muito receptivo às grandes commodities, setor em que o Estado tem um papel muito importante como produtor (celulose) e como distribuidor (minério de ferro).

Além disso, o petróleo deve continuar caro e escasso. "O Estado está começando a produção agora e por isso tem uma oportunidade grande", salienta.

O economista acredita que a



oportunidade será ainda maior se o investimento complementar a essas cadeias produtivas aumentar. Ele cita estaleiros, manutenção, equipamentos, serviços para prospecção de petróleo ou mesmo na área dos portos e suportes para essa indústria.

Outro fator que contribui é a diversificação de atividades, que dá estabilidade ao crescimento. "A agricultura vive um momento bastante positivo no Estado e a construção civil está começando a crescer", observa Mendonça de Barros.

Segundo ele, essa situação privilegiada produz uma mistura de necessidade com oportunidade. Isso porque o sistema educacional, de difusão de informações, precisa ser capaz de ensinar as pessoas e habilitá-las para participar desse processo.

O economista acrescenta que,



Mendonça de Barros acredita que o Estado vai se beneficiar da forte demanda por itens que exporta

como a produção de petróleo está começando só agora, dá para aprender com o erro dos outros, para aproveitar ao máximo a situação. "Esse conjunto dá para o Estado uma posição única. Definitivamente, o Espírito

Santo embicou na rota de crescimento. Com o cenário mundial atual, essa rota não vai ser afetada. Ela vai continuar a existir", afirma.

Os desafios, segundo ele, são a sustentabilidade desse cresci-

mento e a diversificação de suprimentos, de empresas que participem dessas cadeias e que sejam locais, especialmente empresas médias e pequenas – se possível, com algum grau de especialização tecnológica.

Consumo das famílias vai ser reduzido

O consumo das famílias brasileiras deverá continuar em alta neste ano, mas não no mesmo ritmo observado desde 2006. Essa é a expectativa do economista José Roberto Mendonça de Barros, que foi palestrante na abertura do Seminário de Planejamento Estratégico do governo do Estado, na última quarta-feira, em Vitória.

O ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, no governo de Fernando Henrique Cardoso, diz que o crescimento do consumo não deve se manter no mesmo nível porque "foi fenomenal no último ano e meio".

Ele cita o caso das vendas de automóveis. "É difícil sustentar um aumento de consumo de 25% ao ano", diz.

Em entrevista exclusiva para **A Tribuna**, Mendonça de Barros afirmou que o mais prejudicial ao consumo é o fato de o custo da alimentação ter subido muito em 2007. "Como os preços internacionais de alimentos seguem altos, existe um certo desconforto nessa área", comentou.

Segundo ele, para algumas categorias de renda mais baixa, essa situação prejudica o consu-



mo de outros produtos.

Mesmo assim, ele acredita que a tendência ainda é de crescimento, o que gera um cenário positivo para o País. "Seja pela exportação, seja por investimentos e pelo consumo, mais o gasto público, há um quadrado que suporta o crescimento", afirmou.

IMÓVEIS

Mendonça de Barros não acredita que exista, no Brasil, um risco de crise envolvendo o setor imobiliário como a que está atingindo o mercado norte-americano. "O crédito imobiliário no Brasil ainda não chega a 2% do Produto Interno Bruto (PIB), enquanto que nos Estados Unidos é oito vezes isso. Lá, é um negócio enorme. Aqui, ainda está começando", explica.

Ele lembra que o crédito imo-



Custo dos alimentos pode frear o crescimento do consumo

biário ficou parado por muito tempo no País e agora há uma demanda reprimida que está sendo atendida. "O número de jovens que postergava o casamento ou casava e morava com os pais, porque não tinha renda para fazer uma casa, foi grande nesse pe-

ríodo. Agora, o que empurra a demanda de imóveis são os casais jovens, que querem o primeiro imóvel", comenta.

Ele ressalta que ainda faltam imóveis para as classes média e média-baixa no Brasil. "Aí está uma demanda reprimida."

Chuva afasta risco de racionamento

RIO— As chuvas que caem desde o início de fevereiro, enchendo os reservatórios das hidrelétricas, afastaram definitivamente o fantasma de o país sofrer um racionamento de energia este ano.

A garantia foi dada na sexta pelo diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Jerson Kelman.

Em janeiro, ele deixou o governo em polvorosa ao declarar que poderia haver necessidade de racionamento.

Kelman também defendeu que o governo crie uma compensação para os consumidores com carro movido a gás natural veicular (GNV) para poder usar o produto na geração de energia.

"Nós já estamos seguros de que o risco de racionamento para este ano é zero, essencialmente porque houve chuvas muito intensas em fevereiro", disse Kelman.

Em janeiro, ele afirmou que não descartava a necessidade de um plano de racionamento em 2008, caso se mantivesse, até o fim de abril, o baixo nível pluviométrico do início do ano.

Para 2009, a situação também é tranquila, disse Kelman hoje: as chuvas que estão por vir determinarão apenas a necessidade maior ou menor de geração por termelétricas.